

## Identidade da pedagogia e formação do pedagogo\*

*José Pedro Boufleuer\*\**

---

---

- O senhor é professor?
- Sim.
- De que curso?
- Pedagogia.
- De qual disciplina?
- Filosofia.
- Ahh!

Esse diálogo é quase uma constante toda vez que atendo ao pedido de carona de um estudante no trajeto que vai do campus até o centro da cidade. Dizer que trabalho no Curso de Pedagogia parece ser uma informação ainda incompleta, impossível de ser compreendida em si. Daí a necessidade de ser complementada com algo que possa ser compreendido como um “campo de conhecimento”. Essa dificuldade parece afetar também os alunos e os egressos do Curso de Pedagogia que relutam em se autodenominar simplesmente de pedagogos. Ao dizerem que cursam ou cursaram Pedagogia complementam a informação com a habilitação específica, como que resolvendo o problema da falta de “substancialidade” do curso em si. A identidade do Curso de Pedagogia e a do pedagogo são, na verdade, questões que se implicam mutuamente.

Essa problemática do Curso de Pedagogia, embora envolva questões políticas relativas à profissão e ao mercado de trabalho dos egressos, requer uma abordagem sob o ponto de vista teórico-conceitual do campo de estudos da pedagogia. Para indicar a direção dessa reflexão, começo

---

\* Algumas das idéias deste texto foram apresentadas na 21ª Reunião Anual da ANPEd, realizado em Caxambú-MG, nos dias 26 a 30 de setembro de 1999, por ocasião do debate “Pedagogia: identidade e formação”.

\*\* Professor do Departamento de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI).  
E-mail: jospebou@unijui.tche.br

endossando a idéia de uma pedagogia cuja referência primeira e fundamental é a prática pedagógica: sua compreensão, organização e condução<sup>1</sup>. É, portanto, na perspectiva do lugar social ocupado pelo educador que, entendo, devam colocar-se os fundamentos da educação, ou algo como um núcleo de referência básica do Curso de Pedagogia. Nesse sentido proponho algumas rápidas reflexões, embora sem qualquer pretensão de ser absolutamente original.

### **1. O campo de estudos da pedagogia**

Entendo que a questão da identidade da pedagogia e da formação do pedagogo deverá ser percebida à luz de um conceito ampliado de pedagogia, tal como tem sido proposto por autores como Mario Osorio MARQUES (1990) e José Carlos LIBÁNEO (1998). Neste conceito ampliado, a sala de aula passa a ser vista como apenas um dos possíveis lugares sociais de atuação do pedagogo. Para além dela existem as instituições educativas e os espaços públicos ampliados que demandam atividades de cunho pedagógico. Por isso, o conceito de pedagogia, acredito, deve ser pensado a partir dessas múltiplas possibilidades de atuação do pedagogo, dentro de uma sociedade que já tem sido chamada de “sociedade pedagógica”.

Posta esta direção, pretendo aqui argumentar a partir de referenciais um tanto diversos daqueles comumente utilizados. Início com o conceito filosófico-antropológico da “pedagógica” de Enrique Dussel. Para esse autor latino-americano há três níveis de proximidade entre os homens: a relação entre um homem (varão) e uma mulher, que constitui a relação erótica; a relação entre pai e filho e, por extensão, a de mestre-discípulo, que configura a pedagógica; e, por último, a relação irmão-irmão, que constitui a política. Dussel se vale desses níveis de proximidade humana para caracterizar os processos de alienação e de libertação latino-americana (DUSSEL, 1977). Mas o que interessa, em função do tema desse debate, é a possibilidade de perceber na pedagógica dusseliana uma dimensão fundamental da existência humana, e que poderíamos tomar como o próprio objeto daquilo que chamamos de pedagogia.

A pedagógica é, essencialmente, toda bipolaridade em que há anterioridade de um dos pólos sobre o outro, e onde há legado tradicional ou cultural a ser transmitido. Trata-se, portanto, daquelas interações socioculturais que permitem a continuidade

---

<sup>1</sup> A expressão “compreensão, organização e condução dos processos educativos” é proposta por MARQUES (1990) quando do estabelecimento das coordenadas teórico-metodológicas da ciência pedagógica.

histórica de uma geração para a outra. (BOUFLEUER, 1991, p.77)

Tal conceito é abrangente à medida que não apenas tematiza a relação mestre-discípulo, mas também a que se estabelece entre pai-filho, médico-paciente, político-cidadão, etc. Abre-se, assim, a possibilidade de tomar a pedagogia como um campo temático que se ocupa dos fundamentos e das condições de possibilidade do encontro de educadores e educandos, em dialético confronto de anterioridade e posterioridade pedagógica. Encontro esse que ocorre em função de um saber a ser comunicado, de uma percepção do mundo a ser transmitida.

O campo de estudos da pedagogia adquire, nesta perspectiva teórico-conceitual, uma identidade similar ao campo de estudos da política. Enquanto a pedagogia se coloca sob a dimensão bipolar da anterioridade-posterioridade, do mestre e do discípulo, a política se coloca na dimensão da relação de igualdade, dos irmãos, dos colegas. Sob o ponto de vista da ética, a pedagogia cumpre a sua tarefa quando, na responsabilidade para com as novas gerações, mostra o caminho já percorrido pelas gerações adultas, para que possa servir de referência a quem tem tudo por andar. Em transmitindo o legado histórico e cultural às novas gerações, a pedagogia prepara para a política, para a inserção no debate acerca dos destinos da sociedade.

A pedagogia, neste seu sentido ampliado, deve ser tomada como essa dimensão constituidora dos homens, já que...

Tornamo-nos propriamente humanos graças à pedagógica relação que estabelecemos com a geração mais velha e com nossos coetâneos. Desde a mais tenra idade outras pessoas, nossos pais e educadores, irmãos e companheiros, interagem conosco estabelecendo entendimentos sobre “aspectos do mundo”, a fim de que possamos nos desenvolver como indivíduos socializados. (BOUFLEUER, 1997, p. 21)

A pedagogia constitui, portanto, essa atividade interativa mediante a qual “homens produzem outros homens em homens”, para nos valermos da linguagem do filósofo Kant. E a questão crucial da pedagogia é que para essa “produção de homens” não existe uma orientação previamente definida, um modelo a ser seguido. Cada geração deve educar a outra a partir do seu entendimento do “humano”. É essa a situação dialética fundamental que constitui a pedagogia. É essa a sua condicionalidade histórica.

A pedagogia, à luz desse entendimento, tem como sua tarefa precípua a tematização do sentido do humano, reconstruído em cada

contexto histórico, e das condições que permitem a sua produção através de processos educativos intencionalmente estabelecidos. Compete a ela, portanto, instaurar-se como campo específico de conhecimento mediante o estabelecimento de categorias interpretativas e de análise capazes de embasar abordagens críticas desse domínio prático da existência humana. Da tematização crítica das práticas efetivamente existentes, ou que já existiram, no sentido da percepção de suas motivações, proposições, razões e conseqüências, é que algo como uma normatividade ou um critério de orientação poderá ser estabelecido para os educadores.

Num certo sentido, todos os que se encontram numa posição de anterioridade pedagógica, como pais, professores, assistentes sociais, instrutores e orientadores, podem ser chamados de “pedagogos”. Neste caso, o fazer pedagógico pode perfeitamente orientar-se em convicções pessoais, não necessariamente justificadas, ou até num saber intuitivo. Já em sentido estrito, o pedagogo é quem construiu a competência de tematizar explícita e reflexivamente a dimensão pedagógica da vida humana. É esse o sentido que reserva-se ao pedagogo academicamente formado ou a quem se dedicou especificamente ao estudo da pedagogia. Desse profissional espera-se capacidade de analisar situações pedagógicas e de argumentar em torno de afirmações ou proposições.

## 2. A formação no Curso de Pedagogia

A formação no Curso de Pedagogia deve ser vista como a inserção na dinâmica de um campo específico de conhecimento e que, obviamente, é a pedagogia. O eixo central da formação em pedagogia só pode ser a tematização explícita das condições de possibilidade, das questões implicadas e dos fins desejáveis aos diferentes processos educativos, ou seja, a tematização dos nexos internos das práticas dos educadores, num esforço de percepção de sua possível coerência entre pressupostos, finalidades e resultados efetivos. Isso requer a construção de um discurso *da* educação, feito por alguém que se coloca na perspectiva do lugar social de educador e das tarefas pedagógicas que a ele competem. Nesse sentido, é preciso superar o mero discurso *sobre* a educação, feito a partir “de fora” e jogado sobre ela, com referenciais que não aqueles construídos através da tematização da questão pedagógica propriamente dita. Nesta perspectiva, Selma Garrido PIMENTA assinala que:

Os saberes *sobre a educação e sobre a pedagogia* não geram os saberes pedagógicos. Estes só se constituem a partir da prática, que os confronta e os reelabora. (...) O retorno autêntico à pedagogia ocorrerá se as ciências da educação deixarem de partir

de diferentes saberes constituídos e comecem a tomar a prática dos formados como o ponto de partida (e de chegada). (1997, p. 51 e 53)

A partir dessa concepção de uma pedagogia como ciência da prática (dos educadores) para a prática (dos educadores) resultam conseqüências para o processo de formação no Curso de Pedagogia. Em seu ponto de partida coloca-se, necessariamente, a tematização da prática, já que a dialeticidade fundamental da educação exige uma percepção das condições específicas de cada contexto histórico e uma adequação aos objetivos que os educadores venham a se colocar. Isso implica a recusa das lógicas dedutiva e prescritiva como estruturantes do processo de formação. Já não se sustenta a idéia de que a partir de uma concepção filosófica do mundo e da vida, previamente estabelecida, algo como uma normatividade para a educação pudesse ser estabelecida, nem a idéia de uma determinação das questões concretas e práticas do fazer pedagógico independentemente de uma percepção dos contextos e condições em que as ações ocorrem.

Os princípios dedutivo e prescritivo foram os que, de fato, por muito tempo orientaram a formação nos cursos de pedagogia, dividindo o seu currículo em duas partes praticamente distintas: a de fundamentação (teórica) e de aplicação (prática). Assim, a primeira parte do currículo seguia a lógica dedutiva, com o estabelecimento dos fundamentos da educação que, enquanto princípios gerais, resultariam em necessárias implicações práticas. Já a segunda parte do currículo obedecia a lógica prescritiva, com a proposição de metodologias e de princípios de ação com indicações do quê e para quê fazer. Essa dicotomização, que historicamente tem pautado o currículo do Curso de Pedagogia, deverá ser superada por um processo formativo que vise a inserção no campo de estudos da pedagogia, entendido como o domínio prático-teórico de um certo campo de conhecimento e que, obviamente, necessita da interlocução com outras áreas do conhecimento, especialmente com as chamadas “ciências da educação”.

A grande maioria que se ocupa com as questões vinculadas aos cursos de pedagogia certamente concordaria com o delineamento geral feito desse campo de estudos, bem como com a proposição de um processo de formação que não separe “fundamentos” e “práticas”. As polêmicas e divergências, no entanto, começam no momento em que se definem os aspectos práticos e operacionais desses cursos. E é aí que, em meu entender, muitos equívocos vêm sendo cometidos em nome da crítica de uma tradição com a qual, a princípio, todos concordamos. O principal desses equívocos, diria, é o do “praticismo”.

No momento em que se afirma a pedagogia como um campo de conhecimento que se alicerça na prática dos educadores, em recusa à idéia de um saber dedutível de princípios gerados em outros âmbitos, como o da filosofia, da teologia ou de outra ciência qualquer, a prática pedagógica passa a ser percebida como formadora em si. Superdimensionam-se, nesse sentido, as visitas às escolas, as experiências práticas, os estágios, as pesquisas voltadas à discussão de aspectos pontuais e circunstanciais do cotidiano dos educadores. Tudo isso é percebido como eminentemente formativo, quase que substitutivo dos estudos e das disciplinas que antes constavam dos currículos de formação em Pedagogia. O problema, em meu entender, não é a afirmação do primado da prática enquanto princípio de formação, mas a percepção restrita do conceito de prática.

Em primeiro lugar, toma-se a prática pedagógica como sinônimo daquela que atualmente se realiza nas escolas, como se cada aluno já não carregasse uma experiência pedagógica acumulada desde o início de sua vida, seja como filho, seja como aluno, seja como sujeito inserido num contexto pedagógico qualquer. O aluno que chega à universidade vem como resultado de um processo pedagógico que permitiu a sua socialização, a sua inserção no mundo da cultura, a formação de sua identidade. Enfim, o próprio estudante, que agora pretende se aprofundar nesse campo de conhecimento que é a pedagogia, já é fruto da pedagogia. Pouca coisa das práticas pedagógicas existentes podem lhe ser inteiramente estranhas.

Em segundo lugar, toma-se a prática pedagógica como auto-referente, como se ela se explicitasse em si mesma. Ignora-se aí o fato de que qualquer prática hoje existente está permeada de concepções e teorias que se gestaram ao longo dos tempos. Por isso, a avaliação das condições ou circunstâncias específicas do cotidiano de alguma escola jamais será suficiente para uma análise qualificada de seus problemas. Só o estudo de como os sentidos atualmente postos nas práticas se sedimentaram historicamente permitirá entender minimamente os problemas atuais das escolas e da educação em geral. Compreender algo em pedagogia requer, portanto, a percepção desse lastro histórico que as práticas carregam.

Na intenção de mostrar que os estudos da pedagogia se referem às questões que se colocam na prática e pela prática, isto é, em construir o sentido de pertinência das aprendizagens propostas, há sempre o risco de começar e terminar com esse nível de abordagem, sem um esforço maior em situar as problemáticas levantadas em perspectiva mais ampla. Com isso, a análise das práticas acaba tendo como referência as próprias práticas circunstancialmente tomadas. E o Curso de Pedagogia, por sua vez, acaba se transformando em uma espécie de oficina que, a partir do empiricamente observável, se ocupa em achar alternativas para os problemas que em cada

caso se colocam. A própria pesquisa, que vem sendo adotada como princípio de formação, muitas vezes não vem conseguindo avançar para além desse sentido “praticista”.

Tudo isso tem a ver com a questão da identidade da Pedagogia à medida que se corre o risco de deixar a Pedagogia sem identidade, isto é, sem um diferencial significativo em relação aos demais cursos de formação de professores. Não se pode admitir que o pedagogo apenas seja um professor que, ao invés de ter o domínio prático do ensino desta ou daquela ciência, tenha o domínio prático de ensinar crianças, ou de orientar alunos ou supervisionar escolas. Se para algumas atividades educativas reclama-se a formação em Pedagogia isso deve se justificar pelo caráter de sua formação. E só se justifica se o egresso desse curso tiver condições de se apresentar como potencial interlocutor em questões de educação, com professores ou profissionais de qualquer área, em função do seu domínio teórico-prático da pedagogia, enquanto construção histórica e dimensão constituinte da sociedade humana. Em isso não se realizando talvez não valha a pena lutar em defesa da Pedagogia enquanto curso de formação de professores.

O presente texto, que se coloca na linha da afirmação da pedagogia como um campo de estudos com objeto próprio e do Curso de Pedagogia como responsável pela formação de profissionais competentes neste campo do saber, teve como objetivo fazer um alerta quanto ao risco de, em nome de uma ciência da prática e para a prática, perderem-se ou descurarem-se os estudos capazes de produzir o diferencial na formação do pedagogo. Trata-se daqueles estudos capazes de situar a pedagogia em seus fundamentos próprios, como dimensão constitutiva da vida humana e que se realiza sob diferentes formas e em diferentes âmbitos. Uma vez configurado esse campo próprio de estudos, importa perceber como a pedagogia, em suas diferentes expressões ao longo dos tempos, vem sedimentando modos de pensar e de ser que em muito ajudam a entender as atuais manifestações pedagógicas. Sem esse sentido hermenêutico dos estudos, de buscar perceber como os sentidos se colocam, se mantêm ou se modificam, não se produz algo que possa chamar-se de “competência pedagógica”.

### **Referências Bibliográficas**

- BOUFLEUER, José Pedro. Pedagogia latino-americana: Freire e Dussel. Ijuí : UNIJUÍ, 1991.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas. Ijuí : UNIJUÍ, 1997.
- DUSSEL, Enrique D. Para uma ética da libertação latino-americana. 5v. São Paulo : Loyola, 1977).

- LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo : Cortez, 1998.
- MARQUES, Mario Osorio. Pedagogia: a ciência do educador. Ijuí : UNIJUÍ, 1990.
- PIMENTA, Selma Garrido (org.). Didática e formação de professores : percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo : Cortez, 1997.